

ORIGENS E SISTEMATIZAÇÃO DA GEOGRAFIA

Lázaro Manhães Simões

Aluno do Curso de Licenciatura em Geografia
CEFET Campos

RESUMO *Este artigo pretende demonstrar, de forma breve, as origens, a organização e a sistematização da atividade geográfica a partir da exposição das idéias dos principais representantes da geografia clássica alemã: Alexander von Humboldt, Karl Ritter, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner.*

PALAVRAS-CHAVE *Geografia, pensamento geográfico, geografia clássica alemã*

INTRODUÇÃO

A geografia estuda as especificidades da superfície da Terra: a forma, o conteúdo e a função de cada parte, região ou lugar, assim como a configuração destas partes e suas interconexões.

O geógrafo, ao observar um terreno ou uma rota de transporte, por exemplo, este observa como características individuais dentro de um conjunto de elementos nos quais os fatores de origem física, animal e social estão tão intimamente entrelaçados que é necessário estudá-los dentro de uma mesma esfera.

A geografia não é o único campo de análise que estuda o meio ambiente do homem. Muitos setores das ciências naturais e sociais estudam

uma determinada categoria de fenômenos, sem excluir sua distribuição e variação na Terra.

SURGIMENTO DA ATIVIDADE GEOGRÁFICA

A atividade geográfica nasce com a própria natureza humana. Esta atividade responsabiliza-se por um dos fundamentos mais necessários ao ser humano: a posse de conhecimentos para se localizar e localizar ocorrências, objetos ou lugares em seu entorno.

Os primeiros mapas, e por conseguinte, os primeiros modelos de geografia aplicada, são elaborados pelos homens primitivos, a partir do momento que estes desenham em suas moradas a provável localização da caça ou de uma fonte de água, por exemplo. Os guias tribais, ao descreverem territórios e a distribuição de povos sobre a superfície terrestre, tornaram-se os primeiros geógrafos.

A localização de seres, fenômenos e objetos sempre estarão entre as prioridades humanas. E são exatamente questões deste caráter que estão no surgimento e no alicerce da atividade geográfica.

A ELABORAÇÃO DE UM CONJUNTO DE PRINCÍPIOS E MÉTODOS

Com a expansão da humanidade sobre a superfície terrestre, a atividade geográfica adquire um maior estímulo.

O saber geográfico intuitivo desenvolvido pelos homens primitivos não satisfaz o pleno desenvolvimento do comércio, em todas as escalas: o inventário de recursos; o mapeamento e administração de seções espaciais as mais diversas; a realização de guerras e o conhecimento científico da superfície do planeta e de seus diversos povos. Necessitava-se de uma atividade geográfica estruturada, auxiliada e estimulada.

Esta fase de progresso da geografia, que passa pela antiguidade grega e o império romano, até chegar ao começo do século XIX, caracteriza-se pela união do espírito de aventura, necessidades materiais, curiosidade e desejos dos homens, para criar as escolas de cosmografia, as “sociedades geográficas”, as expedições científicas e a geografia militar.

A partir deste momento, o conhecimento das regiões mais distantes do mundo ganha velocidade, estabelecem-se os imensos impérios coloniais, perdem-se e ganham-se guerras. Desse modo, os

pressupostos históricos da sistematização geográfica objetivam-se no processo de avanço e domínio das relações capitalistas de produção. assim, na própria constituição do modo de produção capitalista (MORAES, 1981, p.34).

Um grupo de fundamentos vai sendo estabelecido e, principalmente, a dimensão cartográfica cresce de forma admirável e se estabelece como o “dialeto dos geógrafos”.

A GEOGRAFIA CIENTÍFICA

A geografia só seria incluída na sociedade científica e, nas escolas, a partir do começo do século de XIX, principalmente com os alemães:

é da Alemanha que aparecem os primeiros institutos e as primeiras cátedras dedicadas a esta disciplina; é de lá que vêm as primeiras teorias e as primeiras propostas metodológicas; enfim, é lá que se formam as primeiras correntes deste pensamento (MORAES, 1981, p.42).

As observações, as investigações, as aulas e palestras de dois pensadores alemães, e de seus alunos, mudam os horizontes da atividade geográfica da Europa.

Alexander von Humboldt (1769-1859), naturalista e viajante, e Karl Ritter (1779-1859), historiador e filósofo, elaboram fundamentos teóricos e metodológicos que fazem da atividade geográfica uma verdadeira ciência. Sobre as realizações destes pensadores, Ruy Moreira escreve: “a geografia que temos hoje em nossas escolas e universidades é a geografia por eles sistematizada, sob a versão que lhe dará a ‘escola francesa’ nos fins do século XIX e inícios do século XX.” (MOREIRA, 1994, p.26).

Ao realizar uma excursão científica para o continente americano, em 1799, Humboldt demonstra sua intenção de criar a “Física do Globo”, ou seja, uma ciência que reunisse as disciplinas que cuidavam do meio natural e explicassem a harmonia da natureza, além da coordenação dos elementos que agem sobre ela. Eis um relato de Humboldt em terras americanas: “*Mis ojos deben estar siempre fijados sobre la acción combinada de las fuerzas, la influencia de la creación inanimada sobre el mundo animal y vegetal, sobre esta armonía.*”(CAPEL & URTEAGA, 1988, p.15)

Humboldt entendia que o estudo geográfico deveria *reconhecer a unidade na imensa variedade dos fenômenos em meio a suas variações aparentes*”. Desta forma, a geografia seria uma disciplina eminentemente sintética, preocupada com a conexão entre os elementos, e buscando, através dessas conexões, a causalidade existente na natureza (MORAES, 1981, p.48).

Karl Ritter elabora uma visão antropocentrista do mundo: “há, para Ritter, uma teleologia na natureza, isto é, ela existe com a finalidade de servir ao homem.”(MOREIRA, 1994, p.26). Desse modo, Ritter, ao contrário de Humboldt, atentava mais para a vida social e seus componentes históricos. Segundo Antônio Carlos Robert Moraes,

Ritter define o conceito de 'sistema natural', isto é, uma área delimitada dotada de uma individualidade. A geografia deveria estudar estes arranjos individuais, e compará-los. Cada arranjo abarcaria um conjunto de elementos, representando uma totalidade, onde o homem seria o principal elemento (MORAES, 1981, p.49).

Nota-se que estes pensadores, sobretudo Humboldt, eram fortemente influenciados pelas idéias positivistas e por princípios das ciências naturais, tais como:

- convívio direto com o objeto de estudo, através do desenvolvimento de uma capacidade aguçada de observação;
- exatidão e controle no recolhimento do material a ser examinado, usando-se como modelo as ciências naturais;
- aplicação, aos dados e informações disponíveis, do fundamento científico da causalidade;
- busca de um esclarecimento científico baseado na conjectura da existência de um determinado domínio dos fatos e processos humanos pelas condições naturais;
- finalmente, com base nas regularidades encontradas, a procura de leis científicas de extensão o mais geral possível.

Estes pensadores, ao enfatizar em, de forma exagerada, o papel dominador atribuído às condições naturais, encaminhavam os estudiosos da geografia para um “determinismo físico”, determinante de imobilismo e acomodação quanto ao crescimento, expansão e transformação da disciplina.

Os fundamentos da diferenciação entre a geografia humana e a geografia física, tendência que se avolumaria no fim do século XIX e

início do século XX devido ao desenvolvimento das ciências sociais, são estabelecidos pela “antropogeografia” do naturalista alemão Friedrich Ratzel (1844-1904).

A concepção ratzeliana está enraizada na ecologia e na ideologia imperialista alemã:

Ratzel retirará de Spencer a noção de sociedade como organismo e a concepção naturalista do desenvolvimento da sociedade humana. Introduzi-las-á no discurso geográfico de seus predecessores, assimilando destes os fios invisíveis que ligam suas obras com os interesses do capitalismo alemão. Formulará um discurso geográfico cujas chaves de compreensão são a “teoria do determinismo geográfico” e a “teoria do espaço vital” (MOREIRA, 1994, p.31).

A “teoria do espaço vital” exprime as exigências territoriais de uma comunidade devido a seu desenvolvimento técnico, seu conjunto demográfico e seus recursos naturais, “*seria assim uma relação de equilíbrio entre a população e os recursos, mediada pela capacidade técnica*” (MORAES, 1990, p.23), ou seja, o espaço, através da política, converte-se em território, em noção fundamental da geografia.

Na esfera do capitalismo, o espaço vital delimitaria a porção terrestre preparada pelo capital e, o Estado capitalista, no intuito de que esta porção contribua na reprodução do supracitado modo de produção.

Quanto à questão do “determinismo geográfico”, Ratzel supôs que “*o homem, em todos os seus planos de existência, tanto mental como civilizatória, é o que determina seu meio natural.*”(MOREIRA, 1994, p.32), assim, não acreditou na capacidade humana de converter o meio natural em meio geográfico, e tornou “natural” uma problemática eminentemente social.

A importância das proposições de Ratzel para o pensamento geográfico, segundo Moraes,

reside no fato de haver trazido, para o debate geográfico, os temas políticos e econômicos, colocando o homem no centro das análises. Mesmo que numa visão naturalizante, e para legitimar interesses contrários ao humanismo (MORAES, 1981, p.60).

Alfred Hettner (1858-1941) é outro representante da geografia clássica alemã, sua maior contribuição realizou-se através do oferecimento de uma definição de alcance e métodos da geografia. Hettner buscou justificar as conclusões extraídas do desenvolvimento histórico da geografia em termos da metodologia e da filosofia da ciência.

Ao examinar o desenvolvimento histórico da geografia, Hettner observou graves erros de interpretação devido a não definição correta do objeto de estudo. A geografia, para Hettner, não seria a ciência da totalidade da Terra, mas sim, o estudo da superfície terrestre.

A geografia não poderia ser dualista, pois em cada área habitada, os traços físicos e humanos estariam tão entrelaçados, que formariam um só objeto de estudo. Desse modo, Hettner entendia que a geografia não deve ser dividida entre as ciências naturais e as sociais, nem ser definida como o estudo das relações entre os traços naturais e os humanos da superfície terrestre. A geografia seria uma disciplina unitária, e a realidade que estuda estaria composta por elementos heterogêneos, porém, mutuamente relacionados.

Dois enfoques teoricamente distintos se combinariam eficazmente no estudo de áreas, segundo Hettner: o método da geografia regional, que analisaria todo o complexo de características das áreas singulares, e o método da geografia geral, que compararia as áreas em função de

determinados tipos de especificidades. Ainda que Hettner considerasse o primeiro método como a “*análise das regiões individuais*” (HETTNER, 1927, p.217), e sendo o produto maior da investigação geográfica, pensava que os estudos comparativos sistemáticos não eram menos essenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bases essenciais da geografia científica são determinadas com a geografia clássica alemã. Uma geografia, que ao ser recebida na comunidade das ciências naturais, desdobraria sua influência sobre as sociedades da época. Seria o padrão, ou modelo inicial da geografia, isto é, uma reunião de fundamentos especulativos e procedimentos que proporcionariam não apenas as mais relevantes matérias e pontos para a discussão geográfica, mas, inclusive, a maioria das soluções a esses pontos sujeitos à discussão.

A partir dos geógrafos alemães a evolução da geografia exibirá, até o presente, uma acumulação contínua de teorias, temas, metodologias e conhecimentos práticos. Isso só será tangível devido a uma sucessão de “elevações” e “desmoronamentos” de padrões geográficos. Essa seqüência de padrões, que se revela a partir da geografia de Humboldt e Ritter, não compromete na ruptura incondicional entre um padrão recente e um padrão precedente.

Um novo padrão, ao levantar discussões e questões que mostrassem importantes, coloca em uma posição secundária os problemas antes pensados como principais. Assim, o que em um determinado momento, forma a verdade científica essencial, passa a ser, no momento que se segue, uma verdade parcial ou um acontecimento singular. É essa, portanto, a estrutura que conduz o desenvolvimento da geografia a partir de sua instituição como ciência, no século XIX, até o presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPEL, H. & URTEAGA, L. **Las nuevas geografías**. Madrid: Salvat, 1988.

HETTNER, A. **Die Geographie**: Ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden. Breslau: Hirt, 1927.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: Pequena História Crítica. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. Introdução. In: **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

MOREIRA, R. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.